

# Visitando Marie Laurencin

RUBEM BRAGA

1232

PARIS, maio — Devo dizer que Marie Laurencin foi uma decepção para mim? Talvez não tenha esse direito. Quando Luis Winitzer me levou ao seu ateliê eu lhe dizia, no taxi, não ter entusiasmo pela pintura dessa mulher. Mas há um lugar para Marie Laurencin na pintura de hoje. Foi ela quem inventou esse lugar, e ela o ocupa virtualmente sozinha. Não há ninguém mais fácil da gente escrever contra; mas ao mesmo tempo isso não teria nenhum sentido. Ao menos por um instante, algum dia, ela já pôde encantar a cada um de nós com um gesto indolente de alguma de suas "jeune-filles" perdida em um mundo rosa e azul esmaecido, essas cores suavemente lesbicas. Ela não faz outra coisa, e nunca fez, a não ser raros retratos e umas naturezas mortas de um decorativo bonitinho. Mas para que exigir um demônio de inquietação dentro de cada artista? Há tantos pintores! Há bem um lugar para essa fabricante de licores adocicados e finos.

Suponho, entretanto, que ela deve ser menos vulgar do que mostrou nesse encontro cordial. Não precisava ter-me dito, e depois repetido três vezes a pessoas que foram chegando, que aquele pequeno óleo que estava acabando no momento era para dar de graça a uma campanha internacional contra o cancer. E quando falamos dos tempos antigos de antes da guerra e surgiram os nomes de Picasso e Guillaume Appolinaire, que subita irritação possuiu essa mulher! Disse que eles eram "durs", isso quer dizer mais ou menos valentões malandros, e sabiam arranjar-se muito bem. Sim, Picasso está rico, e seria uma vergonha para o mundo se não estivesse. Mas, e Appolinaire? Perguntei-lhe se Appolinaire não morreu pobre. Mais do que isso, respondeu-me, morreu de pobreza, sofreu uma trepanação, trabalhava como revisor, não se alimentava bem. Mas não tem uma só palavra de ternura para esse pobre poeta que a amou e que morreu há mais de trinta anos. Mostra-me um retrato que fez de um grupo em que ela mesma está, ao lado dos dois, e diz que hoje adulteram muito a historia, ela sabe como foi.

Insisto em falar de Picasso, ela nos pergunta se somos comunistas, diz que há comunistas por toda a parte, e que eles sabem como fazer para influir em tudo, e dão uma importância desmedida aos que são de seu numero. "Até Cocteau anda em namoro com eles. Até esse menino Jean Marais — isso é uma coisa louca!"

Vejo uns livros religiosos a um canto, pergunto se é catolica. Responde que sim, sem muita convicção, e junta: "e ariana!". Não é um excesso de finura de sua parte afirmar isso desse jeito: Luis Winitzer é judeu, e eu poderia muito bem ser.

Reparo em sua cabeça, sob os cabelos brancos. Deve ter tido um certo encanto em moça, com esses olhos vivos, a pele rosada; hoje se parece com a minha "concierge". Apesar de tudo é simpatica, e quando o "marchand" Barreiros aparece e lhe pergunta se é verdade que ela se vai casar, tem um sorriso quase de "jeune-fille" antes de dizer, de explicar que não, mas é verdade que há tempos atrás um grande cirurgião a pediu em casamento. Uma de suas amigas presentes conta a historia, ela mesma diz, com um certo ar de vaidade, que muita gente tem pedido a ela para interceder junto ao grande cirurgião para operar algum, e ele sempre atende, é um homem verdadeiramente gentil.

(cont.)

Conta que foi casada com um alemão, um homem encantador; quando veio a Grande Guerra os dois foram mandados para a Espanha, e ali viveram cinco anos. Depois passou dois anos na Alemanha. Seu marido, insiste, era um homem realmente belo e sedutor; mas bebia demais. Divorçaram-se. Mais tarde ele morreu. Não tiveram filhos.

Pergunto se trabalha com modelo. Sim, no momento tem tra alguns quadros em que ela aparece: é sempre a mesma lan-uma pequena linda, que vai estreiar na Comédie Française. Mos-guida moça, às vezes com um seio nu, os olhos tolos, a boca suavemente sensual. Pergunto se escolhe os modelos que se pareçam com suas moças ou se é o contrario. Sorri: escolhe as criaturas que lhe parecem interessantes, moças ou meninas, às vezes adolescentes.

Fala-se de pintura, de pintores antigos e modernos. Não mostra entusiasmo por nenhum moderno, diz que sempre esteve à margem de todos os movimentos. Dos mortos prefere Renoir, acha que teve influencia dele. Concordo delicadamente, ela também é uma pintora de mulheres belas. Mas como estamos longe, olhando essas donzelas sofisticadas de sonho que se espreguiçam pelas paredes do ateliê, daquela carnção triunfante, gorda e rica do bom Renoir! Mas a influencia principal que sofreu — diz, e isso me dá um leve susto — foi Goya. Fala dos retratos das infantas e "majas", depois diz que sabe espanhol e só então percebo que estava tentando falar espanhol quando, ao nos receber, disse que "il fait frió".

Vejo que trabalha ao mesmo tempo varios quadros, como fazem muitos pintores. Pergunto-lhe quantos quadros fez, mais ou menos, no ano passado. Não responde, a pergunta parece irritá-la ligeiramente, conta que em mil novecentos e não se quantos, quando só tinha feito uns vinte quadros, já era acusada de ter fabricado dois mil. Na realidade trabalha pouco, diz, e quando estava casada e não precisava trabalhar só raramente pintava um quadro. Chega um poeta feio, tímido, efeminado uma caricatura de Cocteau com os cabelos oxigenados. Não se porque, fala-se do tempo da ocupação. Ela o passou todo em Paris, foi um tempo ruim, tinha medo das explosões. Quanto aos alemães, eles não gostavam de sua pintura; gostavam isso sim, da pintura de Picasso, eles só amam o que é forte.

A conversa se descarrega um pouco, depois todos saímos no dia chuvoso e frio que veio cuspir sua tristeza no meio de uma linda primavera de Paris.

Andamos os dois juntos, na calçada estreita, à procura de um taxi. Eu me pergunto o que vou escrever sobre essa mulher e, de repente, me dá uma ternura por essa velha trabalhadora de cabelos brancos que anda ao meu lado, uma ternura que dá para entender e cobrir tudo o que nela é mediocridade e despeito. Afinal ela é um expoente deste meio século, com suas mocinhas de sonho, flores líricas de uma época desigual e bruta; nosso tempo ficaria mais feio e não ficaria melhor se ela não existisse. Despeço-me com respeito de Marie Laurencin.

21.5.50